

## **IDENTIDADE ÉTNICA E RESISTÊNCIA À PERPETUAÇÃO DE ESPELHOS**

Lúcia Helena de Azevedo Vilela  
UFMG

O questionamento das noções de história e historiografia na pós-modernidade evidencia a necessidade de que sejam repensados conceitos cristalizados por visões hegemônicas. Diante de possíveis imposições de uma única grande História, pergunta-se: onde se incluem as vozes dos escritores indígenas contemporâneos e sua memória cultural? Se por um lado, o sentido de historicidade é preponderante no estudo da narrativa indígena contemporânea, por outro lado, os sujeitos focalizados nessas obras apresentam, em grande parte, a fragmentação característica dos povos que passaram por migrações e deslocamentos próprios da narrativa pósmoderna. A combinação desses dois aspectos revela-se fundamental para se perscrutar o universo cultural e político dessas narrativas. Neste texto eu alio as reflexões de Paula Gunn Allen sobre o lugar da mulher mestiça, designada por ela como “women of color” – grupo étnico no qual se inclui como parcialmente indígena – à obra ficcional de Leslie Marmon Silko, “Yellow Woman”. Escolho esse conto de Silko, que é uma adaptação de um mito indígena para a sociedade contemporânea, por considerá-lo instigante em seu tratamento da mitologia e das identidades indígenas – pessoal e cultural.

Nessa adaptação para um conto pósmoderno da narrativa indígena da mítica figura Yellow Woman, Silko revela os conflitos da narradora entre dois universos conceituais: seria aquele o seu próprio discurso ou estaria ela encarregada de reproduzir o discurso da memória cultural de seu povo? A narradora de Silko situa-se no espaço da ambigüidade entre ser ela mesma ou ser a reprodução do mito em que a mulher é raptada por um estranho – talvez um ka'tsina, ou espírito da montanha – e depois retorna para casa com a impressão de ter vivenciado um rito de passagem que a torna contadora de histórias. No início de sua jornada, ela procurar

reafirmar sua identidade ao estranho companheiro de caminhada: “mas eu apenas disse que você era ele (ka’tsina) e eu era Yellow Woman – na verdade, não sou – eu tenho meu próprio nome e venho do pueblo do outro lado da colina”.<sup>1</sup> À medida que se desloca no espaço e no tempo para além da aldeia, ela parece penetrar em um lócus intermediário entre a mulher mítica e a mulher contemporânea, quando reflete sobre o que seu avô diria se estivesse vivo, ao saber de seu desaparecimento: “Se meu avô não estivesse morto, ele diria a eles o que aconteceu – ele iria sorrir e dizer: “roubada por um ka’tsina, um espírito da montanha. Ela vai retornar – elas sempre retornam”.<sup>2</sup>

Tomando-se como exemplo o conto de Silko, verifica-se que espaço teórico das literaturas indígenas pode ser considerado à luz do conceito de *ex-cêntrico* de Linda Hutcheon, que revela a existência de um paradoxo nas noções de margens e centros de poder, quando Hutcheon afirma: “A linguagem das margens e das fronteiras marca uma posição de paradoxo: tanto do lado de dentro quanto de fora”.<sup>3</sup> Esse paradoxo parece estar exemplificado na fala da narradora de Silko ao afirmar sua identidade para si mesma, baseando-se em provas de que está inserida na concretude do mundo urbano e não no incognoscível do mundo dos espíritos ancestrais: “Eu vou ver alguém, logo vou ver alguém, e então terei certeza de que ele é apenas um homem – algum homem daqui de perto mesmo – e terei certeza de que não sou Yellow Woman. Porque ela vem de um tempo passado e eu vivo agora e eu fui à escola e aqui existem rodovias e caminhonetes, coisas que Yellow Woman jamais conheceu”.<sup>4</sup> Argumento aqui que narradora vive o paradoxo da miscigenação e da autoria – situa-se em um espaço híbrido em que o universo mítico e a sociedade pós-industrial se mesclam. Ao inserir uma personagem mitológica no mundo

---

<sup>1</sup> SILKO, p. 32. Tradução minha desta citação e das que se seguem.

<sup>2</sup> SILKO, p. 38.

<sup>3</sup> HUTCHEON, p. 66.

<sup>4</sup> SILKO, p. 34.

contemporâneo e refletir sobre sua criação, Silko insere também uma: história dentro da história, dentro da história ... Ao encerrar sua narrativa, a personagem central transforma-se na própria contadora de histórias, quando decide dizer à família que tinha sido raptada por um Navajo, tornando-se, portanto, autora de sua própria história, de seu próprio discurso, sem perder o elo que a insere na cadeia de signos deslizantes ao universo de seus ancestrais. Lamenta, apenas, que seu avô lá não esteja para ouvi-la, pois era das histórias de Yellow Woman que ele mais gostava. A protagonista de Silko é emblemática do paradoxo do discurso indígena contemporâneo não só porque se encontra entre margens e centros de poder, mas também porque dá visibilidade à história de Yellow Woman, que é a própria mediadora entre culturas: raptada por um estranho (um Navajo—elo com um outro povo indígena, ou um Ka'tsina – elo com os ancestrais) ela traz consigo a possibilidade de miscigenação entre sociedades indígenas e entre passado e presente. É na linguagem das margens e das fronteiras que se pode encontrar o espaço do *ex-cêntrico* de Hutcheon a que me referi anteriormente.

Se por um lado esse conceito aponta para uma possibilidade de se estar fora e dentro dos centros de poder em uma alternância dinâmica, corre-se, também, o risco, mesmo nesse espaço oscilante, de se estar legitimando noções de centro e margem, estabelecidas por aqueles que se interessam por sua perpetuação. A própria menção do termo margem, faz com que autora indígena de ensaios críticos, Paula Gunn Allen, assinale os prejuízos políticos que tal conceito pode trazer ao ser utilizado para o discurso dos povos indígenas:

Nós somos a parte mais invisível, rotulada de “marginal”, os “pobres”, as “vítimas”, ou então somos vistos como exóticos. Nossos “aliados” inexoravelmente colocam sobre nós o papel de desprotegidos, desesperados, inadequados, incompetentes, precisando da ajuda de defensores e salvadores brancos, dependentes de um estado omissivo para cada migalha de dignidade pessoal e comunitária que possamos esperar

usufruir. Direita, esquerda e centro nos vêem como suas sombras, a parte que repudiam, rejeitam, reprimem ou romantizam.<sup>5</sup>

Essas palavras, até certo ponto amargas, de Allen são introdutórias a algo que considero importantíssimo na abordagem das literaturas indígenas. Lembra que, em um estudo sobre os conceitos de marginalidade e subversão, a autora feminista Toril Moi elogia o caráter revolucionário dos escritos iniciais de Julia Kristeva de onde parte para sua conclusão de que a marginalidade é a chave de tudo e a subversão é a função dos invisíveis. Allen utiliza essa conclusão de Moi sobre o arcabouço patriarcal para penetrar nas raízes dessa argumentação. Analisa a estrutura profunda subjacente à tese de Moi:

Da forma como Moi descreve os trabalhos iniciais de Kristeva, esta vagueia desesperadamente perdida na casa intelectual de espelhos do mestre, perguntando e respondendo a seus próprios fantásticos fantasmas. E enquanto o estilo de seus argumentos meândricos é cativante, o seu auto-negado fascínio pelos paradigmas patriarcais é profundamente perigoso para as escritoras. Nenhum patriarca pode nos dizer quem somos, nem pode nenhum deles descrever os mundos, internos e externos, nos quais habitamos.<sup>6</sup>

Essa importante reflexão de Allen sobre o espaço teórico do segmento social com o qual se identifica e define com sendo o das mulheres de cor, como já mencionei, e que eu chamo aqui de mulheres mestiças, pode ser aqui apreendido também no universo mais amplo da identidade dos povos indígenas como um todo. Ao se colocar contra a argumentação de Moi, Allen aponta justamente para o elemento crucial da absorção do conceito de marginalidade de Moi, segundo o qual “só podemos ser percebidos e autorizados quando nos lançamos como marginais, subversivos e dissidentes”.<sup>7</sup> Para Allen, esta é uma visão que continua a fazer suas interpretações através das lentes da sociedade patriarcal. A partir da noção de que é “no vazio que reside o

---

<sup>5</sup> ALLEN, p. 164.

<sup>6</sup> ALLEN, p. 173.

<sup>7</sup> ALLEN, p. 173.

guardador da sabedoria”<sup>8</sup>, Allen lança um princípio para a abordagem da arte das mulheres mestiças que evidentemente se amplia às abordagens das obras dos autores indígenas e étnicos, de uma forma geral, ou seja, sugere que se parta de um vazio criativo, para além dos projetos hegemônicos que estabelecem centros e terminam por lançar seus contrapontos às margens. Allen aborda essa questão com um caráter de manifesto: “Subversão, dissidência e aceitação do sujeito como marginal são processos que mutilam a nossa arte e nos desviam de nossos propósitos. Estes são empreendimentos que sustentam e mantêm o mestre, alimentando o seu lar com nossa energia, nossa atenção e nossa força”.<sup>9</sup>

Ao recusar o lugar teórico da margem, por considerá-lo uma espécie de mutilação, Allen enfatiza a necessidade de que a literatura da mulher mestiça tenha o seu espaço próprio, iniciado a partir do vazio criativo, para que não seja um mero espelho de autores com posturas hegemônicas em relação às questões de gênero. Esse conceito que estabelece a possibilidade de um vazio necessário, anterior ao processo de criação, pode ser percebido na metáfora da partida da Yellow Woman de Silko. Ao deixar seu ambiente doméstico, que não lhe permitia romper barreiras e no qual lhe restava apenas conformar-se com o confinamento e a monotonia da vida no pueblo, Yellow Woman vai em busca do confronto com sua própria força criadora. Diante da figura enigmática do homem que tanto pode ser um forasteiro quanto um espírito da montanha, ela rumo de volta ao pueblo, mas agora é dona de sua própria versão da mitológica narrativa de uma mulher que se percebe mestra de um discurso poderoso capaz de trazer a figura ancestral de seu avô de volta para apreciá-la. Seu discurso capta o mistério da memória da mulher que renova ciclos, que é passado, mas que é também presente, pois sabe de onde veio e para onde vai. Afirma, assim, uma possibilidade teórica gerada pela negação de modelos externos que sejam

---

<sup>8</sup> ALLEN, p. 167.

<sup>9</sup> ALLEN, p. 174.

espelhos de seus autores. Delineia-se, portanto, uma perspectiva estética e política para a crítica da ficção indígena norte-americana contemporânea. Aponta para a necessidade de que se escolham os próprios instrumentos, tanto para criação quanto para a crítica. Como lembra Allen, citando a autora Afro-americana Audre Lorde, “As ferramentas do mestre nunca serão capazes de dismantelar a casa do próprio mestre”.<sup>10</sup> Ao retornar ao pueblo, dona de seu próprio discurso, Yellow Woman realiza um movimento para além de estruturas de oposições e vitimização, não permitindo que sejam consagrados modelos de opressão porque detém a força de seu próprio modelo de narrativa.

Esse modelo híbrido, emergente da própria narrativa de Silko, demonstra por si só, que a crítica de obras de ficção de escritores indígenas norte-americanos contemporâneos não pode se pautar por modelos teóricos estranhos ao seu contexto cultural. Modelos híbridos sim, mas não cunhados nos cadinhos dos próprios mestres das formas opressivas. É exatamente uma ligação com forças externas que faz com que a protagonista de Silko se fortaleça. Ao afastar-se do ambiente doméstico, aculturado, e ir em busca do desconhecido, a personagem central perde, pouco a pouco, o contato com o que ficou para trás. Como observa LaVonne Ruoff, “quanto mais longe ela vai de sua casa e de sua família, mais ela se sente impotente para provar para si mesma que não é Yellow Woman. Ela espera ver alguém no caminho para que possa ter certeza sobre sua própria identidade”.<sup>11</sup> Argumento aqui que este é o momento de experiência do vazio vivido pela protagonista, no qual perde o contato com o que deixou para trás, mas ainda não sabe o que a espera e o que pode criar. Quando, ao retornar a casa em que estivera confinada antes da partida rumo ao desconhecido, ela tem a certeza sobre quem é e qual a história que contará: como a Yellow Woman das antigas histórias de seu avô, ela fora raptada por um estranho Navajo e agora

---

<sup>10</sup> ALLEN, p. 174.

<sup>11</sup> RUOFF, p. 76.

poderia contar a sua própria versão do mito. Sua própria experiência fora incorporada à narrativa da tradição oral. Ela agora deve, portanto, tornar-se a própria contadora de histórias em narrativas em que é também a personagem principal.

A criação a partir de um vazio teórico pode ser vista também sob o ponto de vista da história. Ao relembrarmos encontro do europeu com o Novo Mundo, percebemos facilmente que a história dos povos indígenas passa a ser inserida na narrativa do “real” do invasor como algo fantástico e ficcional. A história indígena passa a ser culturalmente determinada pelas práticas simbólicas do invasor, legalizada através do documento escrito. Assim como no caso do espaço teórico, também aqui é necessário que se pense a história a partir daquele vazio mencionado por Allen para que a representação dos povos indígenas possa partir de uma prática simbólica própria. Referindo-se aos estudos de Stephen Greenblatt, sobre a história e seus modos de representação, Claire Colebrook comenta:

A história, Greenblatt observa, é um dos modos de representação dominantes no ocidente. (...) As narrativas da história são apenas modos mais avançados de criar fronteiras, limites e exclusões. Tomando o trabalho de de Certeau, Greenblatt mostra como o encontro de Colombo com o Novo Mundo utilizou a escrita da história como um meio de inscrever limites. As recitações aparentemente fúteis de Colombo de vários atos da lei espanhola para os povos indígenas eram, Greenblatt argumenta, “atos lingüísticos”. Estes possibilitaram aos espanhóis legitimar seu ato de desapropriação ao estabelecer uma distinção entre seus códigos escritos, legais e historicamente fundamentados e o mundo dos americanos. Não se trata apenas do fato de os espanhóis negarem os direitos dos povos indígenas americanos; pelo contrário, o desempenho por Colombo de atos tais como tratados e negociações legais tiveram a força de inserir os americanos, que foram imediatamente incluídos e consolidados, dentro da história espanhola e sua tradição de direitos.<sup>12</sup>

Trata-se, portanto, de um longo processo de inclusão com o objetivo de exclusão, ou seja, ao incluírem os povos indígenas em seus arquivos históricos, através de atos lingüísticos, respaldados pela autoridade legal, faz-se a desapropriação desses povos de sua própria história.

---

<sup>12</sup> COLEBROOK, p. 212-213.

Cabe, portanto, no tratamento da narrativa indígena, o lançamento da possibilidade de um *vazio* inicial, evidentemente não com o objetivo de anular a história já narrada, mas sim de ir para além dela, deixando-a para trás em busca de um caminho próprio, como faz a protagonista de Silko. Abandonam-se os limites criados pelas tentativas de exclusão para se buscar um espaço próprio, que não é aquele das margens, como sugere Allen.

Nesse espaço, delineia-se a identidade étnica desses povos que a sociedade majoritária busca excluir de seus arquivos. Nesse sentido, vale lembrar Stuart Hall e sua visão de que etnia é um conceito construído não só historicamente, mas também cultural e politicamente. Pode-se repensar o espaço teórico das narrativas indígenas lembrando-se Hall, quando diz que o termo etnia “reconhece o lugar da história, da língua e da cultura na construção da subjetividade e da identidade, assim como o fato de que todo discurso é localizado, posicionado, situado e todo o conhecimento é contextual”.<sup>13</sup> Nesse reconhecimento do lugar da história, cabe perguntar: qual história? Partindo-se, então, para um lugar para além das histórias de exclusão.

Abre-se, assim, caminho para um espaço teórico a ser aos poucos delineado que poderia ser uma combinação da noção de *vazio* de Paula Gunn Allen e da noção de *ex-cêntrico* de Linda Hutcheon. Segundo Allen, “O novo campo de estudos se move para além dos limites da crítica estabelecidos nos círculos acadêmicos ocidentais e exige que maciças muralhas canônicas sejam adelgaçadas e guarnecidas com aberturas para que a crítica, assim como a própria produção literária, reflita a grande variedade de vidas e pensamento descritíveis, particularmente aqueles na comunidade norte-americana”.<sup>14</sup> A consequência principal de se procurar esse espaço para além daquele cristalizado pelo universo canônico é, segundo Allen, a possibilidade de se chegar a um *vazio* produtivo.

---

<sup>13</sup> HALL, p. 226.

<sup>14</sup> ALLEN, p. 166.

Esse conceito de *vazio*, pode ser cotejado com o paradoxo do enfoque pósmoderno de descentramento e de *ex-cêntrico* explicitado por Linda Hutcheon, já mencionado, ou seja, como imagens que são tanto desejadas como negadas: “O centro pode não se sustentar, mas é ainda uma ficção atraente de ordem e de unidade que a arte e a teoria pósmodernas continuam a explorar e a subverter”.<sup>15</sup>

A principal função desse conceito de *vazio* é abrir espaço para a diferença. Nesse processo derridiano, busca-se inicialmente reverter uma hierarquia para se chegar a uma certa indeterminação do campo do discurso. Esse momento de instabilidade equivale ao *vazio*. A partir daí o sistema de diferenças pode então realizar o seu constante deslizar na infinita cadeia de significantes. Como afirma Derrida, “a noção de uma estrutura sem nenhum centro representa algo impensável”.<sup>16</sup> O momento de *vazio* é como uma pausa para que se estabeleça o contínuo jogo de diferenças que se segue.

Questiona-se, portanto, as próprias noções de margem ou periferia e sua adequação à localização das literaturas indígenas. Observa-se que o espaço da margem pode vir a ser estigmatizado como um espaço próprio da vitimização, o que não é desejável, na medida em que pressupõe a existência de algum centro privilegiado de poder, ainda que isso não seja admitido. Nesse questionamento, pode-se levar em consideração a visão de Hutcheon que inclui a noção de *ex-cêntrico*, que carrega em si o próprio paradoxo da condição pósmoderna, ou seja, segundo Hutcheon,

Ser ex-cêntrico, na fronteira ou na margem, do lado de dentro, mas, no entanto, do lado de fora, é ter uma perspectiva diferente, uma que Virginia Woolf (1945, 96) certa vez chamou de “alheia e crítica,” uma perspectiva que está “sempre alterando seu foco,” uma vez que não tem uma força centralizadora. Essa mesma perspectiva mutante, essa mesma preocupação com o respeito pela diferença, pode também ser vista tanto

---

<sup>15</sup> HUTCHEON, p. 60.

<sup>16</sup> DERRIDA, p. 384.

na face externa quanto nas camadas mais profundas do discurso teórico pósmoderno hoje.<sup>17</sup>

Conforme essa visão, o centro seria uma ficção para que se crie nas margens o espaço da heterogeneidade cultural, já que esta é também uma das premissas do pósmoderno. Aliadas às noções de descentramento e heterogeneidade estão evidentemente aquelas de hibridismo, antitotalização e incerteza.

Sendo todos esses aspectos mencionados essenciais para um estudo da narrativa indígena contemporânea, pode-se enfatizar aspectos estéticos e políticos das questões já que o estudo das etnias está intimamente ligado ao estudo das diferenças. Por que será que a sociedade industrial, urbana, moderna não apagou as etnias? Deslocados no tempo e no espaço de um universo cultural que dá origem a um discurso próprio cuja tônica é a diferença, os escritores indígenas norte-americanos contemporâneos apresentam, em sua maioria, uma linguagem duplamente diferenciada e dividida entre a historiografia de uma etnia e suas identidades. Nesse contexto, *Yellow Woman* conta a história de um povo que se mescla com o desconhecido, de uma autoria híbrida, de uma história narrada a partir de um momento de *vazio*, excêntrico, único, impregnado de possibilidades que a impulsionam para além de estruturas de oposições binárias e vitimização.

### **Referências Bibliográficas:**

ALLEN, Paula Gunn. *Off the Reservation: Reflections on Boundary-Busting, Border Crossing, Loose Canons*. Boston: Beacon, 1998.

---

<sup>17</sup> HUTCHEON, p. 67.

- COLEBROOK, Claire. *New Literary Histories: New Historicism and Contemporary Criticism*. Manchester & New York. Manchester Univ. Press, 1997.
- DERRIDA, Jacques. Structure, Sign, and Play in the Discourse of the Human Sciences. In: KEESEY, Donald. *Contexts for Criticism*. 3<sup>rd</sup> edition. Mountain View/London/Toronto: Mayfield, 1998. p. 383-394.
- HALL, Stuart New Ethnicities. In: ASHCROFT, Bill, GRIFFITHS, Gareth & TIFFIN, Helen. *The Post-Colonial Studies Reader*. London & New York: Routledge, 1997. p. 223-227.
- HUTCHEON., Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York/London: Routledge, 1999.
- RUOFF, A. LaVonne Brown. *American Indian Literature: An Introduction, Bibliographic Review, and Selected Bibliography*. New York: The Modern Language Association of America, 1990.
- SILKO, Leslie Marmon. Yellow Woman. In: GRAULICH (ed.) *"Yellow Woman": Leslie Marmon Silko*. New Brunswick/New Jersey: Rutgers Univ. Press, 1993. p. 31-43.